





EDITORIAL

2023: O ANO DE UM RECOMEÇAR

[10.29073/naus.v6i1.877](https://doi.org/10.29073/naus.v6i1.877)

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcs.unl.pt.

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Não há altura certa para recomeçar. Importa antes retomar o fio para continuar uma publicação que se revela de grande importância em vários domínios do conhecimento. O ano de 2023 trouxe consigo o repto para retomar um trabalho interrompido em 2020, em virtude de uma pandemia cujas consequências se fizeram sentir até ao momento. É, pois, com grande satisfação que trazemos a público no corrente ano o volume 6.1. da *NAUS: Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*, sendo que em simultâneo aparecerão os números respeitantes aos anos 2020, 2021 e 2022. Esta tarefa hercúlea só foi possível porque este recomeço encontrou eco na comunidade científica a que se dirige, tendo obtido colaboração, em rede, por parte de várias dezenas de autora(e)s e revisora(e)s pertencentes a distintas instituições académicas portuguesas e brasileiras.

Tornar exequível este projecto exigiu o trabalho de uma direcção alargada composta por 4 editoras responsáveis, que se dedicaram a dar-lhe forma. Esta diversidade manifestar-se-á no editorial de cada um dos números sendo por todas assinados. Importa ainda lembrar a inestimável contribuição redactorial de Giuseppe Abate, por parte da Ponteditora, cuja disponibilidade foi decisiva, sendo de sobrelevar a firme decisão do editor Eduardo Leite e a confiança em nós depositada. Convocámos especialistas a fim de validar a qualidade dos artigos oferecidos ao público. São a(o)s revisores científicos o garante da exigência característica de publicações desta natureza, sendo de sublinhar o carácter empenhado e voluntário deste meritório trabalho.

Quanto ao conteúdo deste número podemos situá-lo na grande formulação *Literatura e Sociedade*. Para tal, valemos de uma citação de Antonio Candido, na obra de título homónimo:

“Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reacção indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efectue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado [séc XIX] chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, depois de termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem.” (p. 5)

Cientes de que não devemos abdicar da perspectiva histórica na análise da crítica literária e do muito que se foi postulando até hoje sobre esse posicionamento, incluímos uma panóplia bastante alargada de artigos e escolas de pensamento assentes na premissa de que a cultura subjaz e informa a literatura e a sociedade tal como as/os nossa(o)s autora(e)s, com abordagens diversas, no-la apresentam.

O número é inaugurado por **“Mayombe, o texto como espaço de reflexão e idealização da nação angolana”**. Neste, a autora leva os leitores por uma análise da obra de Pepetela, explorando as intrincadas ligações entre a narrativa ficcional e a História, utilizando referências de conhecidos estudiosos. É feita uma abordagem reflexiva sobre as



práticas sociais na sociedade angolana e a influência da literatura destaca a relevância do texto na construção da identidade nacional.

No segundo artigo, “**Famintos... e as marcas de subversão na escrita de Carmen de Figueiredo**” é-nos oferecida uma análise crítica de uma autora portuguesa ainda hoje pouco conhecida, realçando a escrita subversiva da mesma. Este texto contribui para a visibilidade da escrita de autoria feminina e das personagens femininas, durante a ditadura, num período que é objecto de investigação em várias universidades.

“**O pensamento liminar e a *tensionalidade pretextual* no horizonte da literatura comparada**” é o título do terceiro artigo no qual nos é proposto um debate sobre a noção de liminaridade em diferentes formas do pensamento em teoria literária.

Passamos depois a “**De aeroportos, aviões e nuvens: leitura pública em bibliotecas plurifuncionais de Portugal e do Brasil**” que ocupa a quarta posição. Nele são apresentados os resultados de um estudo sobre o papel das bibliotecas na formação de leitores e se destaca a importância desses espaços na construção da identidade cultural e no exercício da cidadania tendo em vista a promoção e o acesso à informação e à democratização do conhecimento.

“**Elementos coesivos a serviço da manutenção e da progressão temática no género textual projeto de documentário**” aparece em quinto lugar. Nele se reflecte sobre a coesão textual tendo por base um projeto semifinalista da Olimpíada de Língua Portuguesa brasileira.

O sexto artigo, “**Rio Negro, Rio Içana, Rio Solimões e as mulheres indígenas na luta pelos seus territórios — Amazonas / Brasil**” trata de uma pesquisa teórica evidenciando a contribuição de três pensadoras indígenas fornecendo uma perspectiva valiosa sobre o conhecimento ancestral dos territórios indígenas do Amazonas.

“**A socialização feminina e a idealização dos relacionamentos: gênese de frustrações, conflitos e violências**” é o sétimo artigo com o qual encerramos a série de estudos. Aqui são abordados as questões da violência contra mulheres e sua contextualização.

A fechar o número inaugural da NAUS incluímos duas resenhas, também elas de amplitude muito ampla. A primeira, assinada por Martina Mattosi, assinala uma efeméride: a passagem do centenário, no passado ano, do cineasta, pintor e poeta italiano, cuja versatilidade marcou o panorama cultural das áreas em que se movimentou e extravasou fronteiras, **Pier Paolo Pasolini, 100 Anos. Coordenação e tradução de Rita Marnoto e Ana Beatriz Andrade (2023)**.

Concluimos a nossa apresentação convidando à leitura da obra **Mulheres — Trilogias e Outros Contos, de Rosabela Afonso. Editorial Novembro (2023)** cuja resenha, pelo punho da escritora Luísa Fresta, dá conta de muitas das vivências das mulheres de ontem e de sempre, tantas vezes marcadas pela violência mas a quem é também dada a esperança. Resta-nos desejar a toda(o)s Feliz Ano Novo e bons (re)começos, deixando na linha do horizonte o gosto e a fruição pelos livros e a leitura, em modalidades complementares.

REFERÊNCIAS

Candido, A. (2000). *Literatura e Sociedade* (8.ª ed.). Publifolha, p. 5.

Esteves, J. M., Jesus, I. H. de, & Almeida, T. de S. (Eds.) (2023). *Escritoras portuguesas no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo* (Vol. 3). Peter Lang.

DECLARAÇÃO ÉTICA



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.